

CADERNOS NEGROS E POESIA AFRO-BRASILEIRA EM EVIDÊNCIA

Patricia Anunciada de Oliveira¹

RESUMO

Este artigo visa fazer traçar um panorama do surgimento dos *Cadernos Negros*, fazendo uma contextualização das condições históricas que deram origem à publicação, apresentando alguns dos autores e autoras e seus textos para análise. São apresentados alguns dos conceitos definidores de Literatura Negra e/ou Afro-Brasileira e algumas das características dos textos publicados ao longo desses 43 anos desde o surgimento da coletânea. Também são analisados alguns dos aspectos que caracterizam a poesia como instrumento de inscrição da subjetividade negra no texto e de resistência ao discurso hegemônico que reproduz estereótipos, contribuindo para a manutenção e reprodução do preconceito racial.

Palavras-chave: *Cadernos Negros*. Poesia. Literatura. Subjetividade. Voz poética. Negritude.

ABSTRACT

This article aims to provide an ample overview of the *Cadernos Negros*, a collection of texts written by black writers, presenting the historical conditions that gave rise to the publication and some of the authors and their texts for analysis. It presents some of the defining concepts of Black and/or Afro-Brazilian Literature and some of the characteristics of the texts published over these 43 years of the collection. It also analyzes some of the aspects that characterize poetry as an instrument of the construction of a black subjectivity in the text and of resistance to the hegemonic discourse that reproduces stereotypes, leading to the maintenance and reproduction of racism.

Keywords: *Cadernos Negros*. Poetry. Literature. Subjectivity. Poetic Voice. Blackness.

1 Professora, escritora e pesquisadora. Atualmente faz mestrado em Estudos Literários pela Universidade Federal de São Paulo. Fez graduação em Letras pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pós-graduação em Literatura pela Universidade Estadual de Campinas. Participou das antologias *O feminino na poesia: Antologia poética de professoras poetas* e *Escrituras negras: A mulher que reluz em mim*. E-mail: patriciaanunciada@gmail.com.

A primeira publicação dos *Cadernos Negros*, coletânea anual organizada e financiada por escritoras e escritores negros, ocorreu em 25 de novembro de 1978, em plena ditadura militar e quando se completaram noventa anos da assinatura da Lei Áurea, fruto da luta de resistência do povo negro. É importante destacar que o Brasil foi o último país das Américas a assinar a lei que libertava pessoas negras do trabalho escravo e até hoje não houve uma reparação social.

A década de 1970 foi marcada pelo surgimento do Movimento Negro Unificado contra a Discriminação Racial (MNUCR), do Centro de Cultura e Arte Negra (CECAN), pelas lutas de libertação do jugo colonial de países como Angola e Moçambique e, também, pelo acesso de jovens negros a universidades, espaços dos quais foram historicamente excluídos devido a uma herança escravocrata que via as pessoas negras como destituídas de intelecto e aptas apenas a desempenhar serviços braçais.

A inserção de jovens negros nesses espaços contribuiu para sua conscientização e organização política. Eles passaram a refletir sobre a importância de divulgar as obras de escritoras e escritores negros que até então eram invisibilizados na academia. Luís Silva (Cuti), um dos escritores fundadores dos *Cadernos Negros*, disse em entrevista quando do lançamento do primeiro volume: “Nosso país não podia mais viver sem a nossa experiência de vida colocada em forma de literatura por duas razões: nós negros precisávamos estar representados e também o branco precisava ser visto de outra maneira” (apud COSTA, 2008, p. 23).

Essa fala de Cuti está em consonância com a de diversos escritores e escritoras negros, uma vez que esses eram excluídos dos meios acadêmicos e literários e seus escritos foram muitas vezes rejeitados por serem considerados panfletários. Na apresentação do primeiro volume, os autores afirmam:

Os *Cadernos Negros* surgem como mais um sinal desse tempo de África — consciência e ação para uma vida melhor, e neste sentido, fazemos da negritude, aqui posta em poesia, parte da luta contra a exploração social em todos os níveis, na qual somos os mais atingidos. (SILVA, L., 1978, p. 3.)

Do primeiro número da publicação participaram oito autores: Luís Silva (Cuti), Jamu Minka, Henrique Cunha Jr., Angela Lopes Galvão, Eduardo de Oliveira, Hugo Ferreira, Celinha e Oswaldo de Camargo. Eles enviaram os textos para diversas editoras, mas nenhuma aceitou fazer a publicação, por isso ela foi financiada pelos próprios autores.

O primeiro número, de 52 páginas, foi de bolso, com tiragem de mil exemplares. O lançamento foi feito no Festival Comunitário Negro Zumbi (Feconezu), em Araraquara, e reuniu quase duas mil pessoas. O segundo número, por sua vez, contou com doze autores, e o gênero escolhido foi o conto.

No prefácio do volume inicial são apresentadas algumas das razões para a publicação de textos literários de autoras e autores negros:

A África está se libertando! já dizia Bélsiva, um dos nossos velhos poetas. E nós brasileiros de origem africana, como estamos?

Estamos no limiar de um novo tempo. Tempo de África vida nova, mais justa e mais livre e, inspirados por ela, renascemos arrancando as máscaras brancas, pondo fim à imitação. Descobrimos a lavagem cerebral que nos poluía e estamos assumindo nossa negrura bela e forte. Estamos limpando nosso espírito das ideias que nos enfraquecem e que só querem nos dominar. *Cadernos Negros* marca passos decisivos para nossa valorização e resulta de nossa vigilância contra as ideias que nos confundem, nos enfraquecem e nos sufocam. As diferenças de estilos, concepções de literatura, forma, nada disso pode mais ser um muro erguido entre aqueles que encontraram na poesia um meio de expressão negra. Aqui se trata da legítima defesa dos valores do povo negro. A poesia como verdade, testemunha do tempo. (SILVA, L., 1978, p. 2.)

A partir do quinto número, em 1982, entraram autores novos como Miriam Alves, Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa. Atualmente, Esmeralda Ribeiro e Márcio Barbosa são os responsáveis pela publicação dos *Cadernos Negros*, fazendo a edição e a seleção dos textos que são publicados.

O prefácio do quinto volume foi escrito pela historiadora e antropóloga Lélia Gonzalez, uma das fundadoras do Movimento Negro Unificado (MNU) no Rio de Janeiro. Ela escreveu:

Começamos por uma definição de cultura, a fim de que possamos desenvolver esta exposição da maneira mais objetiva possível: cultura é o conjunto de manifestações simbólicas através das quais os sujeitos sociais expressam suas relações com a natureza e entre si. A primeira consequência que a gente tira dessa definição é a de que não se pode falar da cultura, de maneira abstrata, mas de culturas diversas, antagônicas ou não, coexistindo ou não numa mesma sociedade. Por outro lado, a gente sabe que, em sociedade

como a nossa, sempre existem os explorados que sustentam uma classe dominante. Por aí, já podemos tirar uma outra diferenciação apresentada: aquela entre cultura dominante e cultura dominada. Em consequência, fica explicitada a relação entre classe e cultura dominantes, de um lado, e cultura dominada e conjunto dos explorados, de outro. (GONZALEZ, 1982, p. 3.)

A autora aponta a importância da valorização da diversidade cultural que é produzida por “sujeitos sociais” e mostra como algumas culturas são menosprezadas enquanto outras são consideradas superiores, como é o caso da cultura do homem branco europeu.

Ao longo dos anos, a publicação foi ganhando destaque e tem sido objeto de pesquisa em diversas universidades brasileiras e estrangeiras. No período de 2006 a 2010, os *Cadernos Negros* foram adotados no vestibular da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

O nome *Cadernos Negros* foi uma homenagem à escritora Carolina Maria de Jesus, autora da célebre obra *Quarto de despejo, diário de uma favelada*, dentre outras, que escrevia seus poemas, letras de música e a história de sua vida em cadernos. O objetivo inicial era formar um coletivo de escritores e escritoras negras e publicar suas poesias e seus contos, assim como formar um público-leitor de suas obras. O primeiro volume foi lançado um ano após da morte de Carolina.

O grupo Quilombhoje, formado em 1980 e inicialmente composto por Abelardo Rodrigues, Cuti, Mário Jorge Lescano, Paulo Colina e Oswaldo de Camargo, surgiu a partir da necessidade de se discutir o papel do negro na Literatura Brasileira. Em 1982 passaram a fazer parte do grupo Esmeralda Ribeiro, Jamu Minka, José Alberto (até 1984), Márcio Barbosa, Miriam Alves, Oubi Inaê Kibuko, Sônia Fátima e Vera Lúcia Alves.

Falando sobre a importância dos *Cadernos Negros* para a cultura nacional, o sociólogo Clóvis Moura, importante intelectual brasileiro afirma:

Sua mensagem é para a própria comunidade negra que, embora lendo esses autores também procura reafirmar a sua consciência étnica através da poesia. A poesia, o mais permanente de todos os gêneros literários e que na África circulou como elemento de comunicação oral durante milênios, com a simplicidade dos alos, vem, agora, à medida que o negro brasileiro se conscientiza, projetar-se como meio de comunicação e protesto. (MOURA, 1980, p. 10.)

É importante destacar que durante o processo de constituição de uma literatura nacional, não pautada pela reprodução dos modelos que vinham da Europa, as figuras que foram destacadas foram o homem branco e o homem nativo. Muitas obras, como as de José de Alencar, romantizavam

a relação entre brancos e nativos, que foi historicamente marcada por violência, apresentando o homem branco como herói e o homem nativo como ingênuo. Durante esse processo de nacionalização da literatura, personagens negras raramente foram retratadas, e quando apareciam, geralmente era de forma estereotipada, o que contribuiu muito para a manutenção e reprodução do preconceito e da discriminação.

Uma importante pesquisa de Regina Dalcastagnè (2008), professora da Universidade de Brasília, mostra que a representação de personagens negras é escassa na literatura brasileira contemporânea. Ela analisou 258 obras publicadas pelas grandes editoras do país entre 1990 e 2004 e constatou que 92% das personagens retratadas são brancas e que em 56,6% dos romances analisados não há personagens negras, enquanto em apenas 1,6% não há personagens brancas.

A autora também constatou que 73,5% das personagens negras são retratadas como pobres e 12,2% como miseráveis. Outro dado relevante de sua pesquisa mostra que 93,9% dos romances analisados são escritos por branco(a)s e 72,7% por autores do sexo masculino. Esses dados indicam os motivos pelos quais personagens negras são pouco representadas e por que, quando há uma representação delas, essa geralmente é estereotipada.

É importante analisar esses dados para entender a extrema necessidade de uma publicação como *Cadernos Negros*, que tem driblado a falta de apoio do mercado editorial ao longo de quarenta e dois anos. É por meio dessa publicação que autoras e autores brasileiros iniciam sua publicação literária e constituem um público para as obras individuais posteriormente publicadas.

A publicação *Cadernos Negros* reúne em um ano poesias e em outro, contos de escritoras e escritores negros. Muitos desses eventualmente lançam livros individuais, como é o caso de Cuti, de Conceição Evaristo e Cristiane Sobral. Com o decorrer dos anos, a obra passou a ter uma grande representatividade, principalmente de escritoras negras.

Avaliando o fenômeno da Literatura Negra e/ ou Afro-Brasileira como proposta pelos *Cadernos Negros*, Edimilson de Almeida Pereira (2010), poeta e professor de Literatura, afirma que hoje há “outra configuração da poesia brasileira” e que é importante mapeá-la “menos como retaliação ao cânone e mais como necessidade de gerar novas competências de compreensão para as mudanças estéticas e sociais”. Ele diz que foi justamente na transformação da poesia brasileira em “outra coisa que a Literatura Negra e/ou Afro-Brasileira, delineada a partir da obra de determinados autores, se articulou, rasurando o cenário da literatura brasileira contemporânea”. (PEREIRA, 2010, p. 16.).

Pereira cita autores como Solano Trindade, Luiz Gama e Lino Guedes como escritores de “poesia de expressão negra e/ou afro-brasileira” e afirma “que foi no final da década de 1970 que um viés teórico e ideologicamente orientado contribuiu para sedimentar as bases dessa literatura, tanto na prosa quanto na poesia” (PEREIRA, 2010, p. 16.).

Ele cita a publicação dos *Cadernos Negros* como um marco importante na organização de coletivos de escritores e poetas negros. A publicação deu origem ao grupo Quilombhoje, que tem entre seus objetivos propor a discussão e a análise da presença de afro-brasileiros na cena literária brasileira, assim como uma “busca visceral do humano através de um projeto político-pedagógico coletivo” (ibidem, p. 17). Pereira também afirma que:

no que tange ao aproveitamento das heranças afrodescendentes, boa parte da dicção poética realizada no Brasil ainda se mostra vincada por um friso histórica e ideologicamente reconhecido. Ou seja, o estético se exprime em função do engajamento social e este, por sua vez, se define como um compromisso com os grupos étnicos afrodescendentes. (Ibidem, p. 23.)

Nesse sentido, para estabelecer um diálogo com esse conceito de literatura escrita por autoras e autores negros é importante destacar a pesquisa de Nazareth Fonseca, estudiosa de Literatura Negra e/ou Afro-Brasileira:

Assumir-se negro, em qualquer dos sentidos, significava ter consciência de que se estaria esvaziando o termo “negro” de significados produzidos por um processo perverso de exploração que manteve os africanos escravizados e os seus descendentes em estado de servidão durante séculos. (FONSECA, 2011, p. 250.)

Um dos aspectos da escrita de muitos desses autores é a marcação de um eu enunciador que se diz negro, que marca seu pertencimento étnico-racial no texto. Em muitos dos textos publicados há afirmação e/ou busca de uma identidade negra.

Falando sobre a importância dessa literatura produzida por escritoras e escritores negros, Florentina Souza, importante pesquisadora e professora da PUC Minas, diz:

As expressões “literatura negra” e literatura “afro-brasileira” são empregadas para nomear alguns tipos de produções artístico-literárias que podem estar relacionadas tanto com a cor da pele de quem as produz, com a motivação dada por questões específicas de segmentos sociais de predominância

negra e ou mestiça, e com o fato de nelas serem trabalhadas, com maior intensidade, questões que dizem respeito à presença de tradições africanas disseminadas na cultura brasileira. (SOUZA, 2005, p. 97.)

Se observarmos a trajetória dos *Cadernos Negros*, é possível observar que a intenção de valorização das raízes africanas, de denúncia do preconceito racial e da exclusão vivida pelos descendentes de escravos no Brasil geralmente está presente. Ela se traduz seja em textos de forte apelo contestatório, seja no resgate de histórias de gente simples, sempre convivendo com a exclusão, que se encenam nos textos ora assumindo o seu próprio dizer, ora deixando-se contar por um narrador cúmplice, companheiro na encenação (FONSECA, 2011, p. 263).

Procurando furar o cerco de incompreensões e dificuldades, a coletânea vem desenvolvendo estratégias importantes para continuar publicando os contos e poemas que caracterizam cada um de seus números (ibidem, p. 262).

Analisar alguns dos poemas é importante para entender a proposta dos *Cadernos Negros* e como a participação de escritoras e escritores de novas gerações não representou uma ruptura com os objetivos do projeto inicial, que eram dar visibilidade a esses escritores, romper com o silenciamento imposto pela sociedade racista e propor uma estética voltada para a representação de novos discursos que valorizassem a cultura africana e afro-brasileira.

No poema “Identidade”, de Jamu Minka, pode-se perceber que a discussão sobre como o racismo tem um forte impacto na construção da identidade negra na sociedade brasileira:

Nasci de pais mestiços
Fui registrado como branco
Mas com o tempo a cor escura se fixou

Negro, negrinho
Você é negro sim,
A primeira ofensa!
Eu era negro sem saber

Adolescente, ainda recusava minha origem
Aprendi a ser negro o passivo, inferior
Reagi: sendo esta raça assim,
Não sou negro não!

Recusei a herança africana
Desejei a brancura

Mais tarde soube
A inferioridade era um mito
A passividade uma mentira
O conhecimento trouxe a consciência
Aceitei minha negrice
Me assumi!
(MINKA, 1978, p. 35.)

O poema mostra a dificuldade do eu lírico de se aceitar como negro em uma sociedade que associa a negritude a algo ruim. Há uma reflexão sobre a dificuldade de jovens negros se aceitarem como são, de aceitar suas raízes negras, pois o racismo os leva a se sentirem inferiores, almejando a branquitude, uma vez que a inferiorização de seus corpos afeta a construção da autoestima e de uma identidade positiva. No entanto, após esse processo doloroso de autorrejeição há uma emancipação que vem com o conhecimento, com o despertar da consciência. Há uma desconstrução do discurso racista, e o eu lírico se liberta das amarras desse discurso, passando a enxergar de forma positiva sua herança africana e a rejeitar o embranquecimento que a sociedade tenta impor-lhe.

Um poema que estabelece um diálogo muito interessante com esse poema de Jamu Minka, abordando a forma como o racismo afeta a construção da identidade, é “Quebranto”, de Cuti:

às vezes sou o policial que me suspeito
me peço documentos
e mesmo de posse deles
me prendo
e me dou porradas

às vezes sou o zelador
não me deixando entrar em mim mesmo
a não ser
pela porta de serviço

às vezes sou o meu próprio delito
o corpo de jurados
a punição que vem com o veredito

às vezes sou o amor que me virou o rosto
o quebranto
o encosto
a solidão primitiva
que me envolvo com vazio

às vezes as migalhas do que sonhei e não comi
outras o bem-te-vi com olhos vidrados trinando tristezas

um dia fui abolição que me lancei de supetão no espanto
depois um imperador deposto
a república de conchavos no coração
e em seguida uma constituição que me promulgo a cada instante

também a violência dum impulso que me ponho do avesso
com acessos de cal e gesso
chego a ser

às vezes faço questão de não me ver
e entupido com a visão deles
me sinto a miséria concebida como um eterno começo

fecho-me o cerco
sendo o gesto que me nego
a pinga que me bebo e me embebedo
o dedo que me aponto
e denuncio
o ponto em que me entrego

às vezes! ...
(SILVA, L., 1982, p. 18.)

Neste poema, o eu lírico apresenta o discurso racista e mostra como a forma pela qual o negro é visto e representado na sociedade afeta a sua própria autopercepção. O sujeito negro acaba por introjetar a visão que os outros têm dele e muitas vezes acaba se vendo como “suspeito”, como alguém que, “entupido da visão deles”, se sente “a miséria concebida como um eterno começo”.

O poema também denuncia a forma como a sociedade e o poder público tratam os corpos negros. Na primeira estrofe, há a denúncia da violência policial que abate muitos jovens negros, apontando para o genocídio da população negra no país. Na segunda estrofe, há uma menção ao elevador

de serviço, que é destinado a pessoas pobres e negras, que devido a uma herança escravocrata ainda são consideradas como serviçais, como não dignas de acessar o elevador social, a porta da frente. Nas estrofes seguintes são mencionadas a condenação de jovens negros antes mesmo do julgamento, a solidão e a tristeza que se abatem sobre esses corpos.

Há também uma denúncia da abolição da escravatura que não foi plenamente cumprida e que ainda resulta na marginalização da população negra brasileira. É importante destacar que, embora a Constituição brasileira diga que todos são cidadãos e devem ter seus direitos assegurados, a população negra ainda segue com dificuldades para ter acesso a moradia, saúde e educação de qualidade, por exemplo.

Por fim, o poema se encerra com o eu lírico afirmando “às vezes!...”, dando indícios de que, apesar desse discurso que incide sobre o sujeito negro afetar sua relação consigo mesmo, ele não está preso eternamente a ele, pois esse sujeito faz parte de um processo e não está apenas imbuído da visão da sociedade racista.

Um autor muito importante que se debruça sobre os estudos de Literatura Negra e Afro-Brasileira e que foi um dos idealizadores dos *Cadernos Negros* é o intelectual Oswaldo de Camargo. O autor faz uma reflexão sobre a constituição de uma voz não branca no texto:

Mesmo que seja meu grito
Gume frio de uma faca,
cortando o corpo do dia,
ferindo na hora exata,
devolvo a voz repousada
na minha boca insensata.
Frio de cobre, bordão
Rouco, de pouca ousadia,
Elejo meu pensamento,
Escondo-o, porém, ao dia.
É fruto que cresce seco,
áspero, sem alegria,
duro fruto da secura
que a vida nos propicia.

Mesmo que seja meu grito
um sopro de profecia,
devolvo-o na antiga safra
daquilo que eu não escolhia:

Recuso a face da treva
Diversa da que eu poria
no corpo do dia branco,
que nunca foi o meu dia,
nos flancos do dia branco,
que em cima de mim crescia
sua garra, seu ditame,
seu gráfico e extrema ousadia.
(CAMARGO, 1978, p. 41.)

Neste poema, o eu lírico fala sobre um grito que pode ser “o gume frio de uma faca” que corta e fere e mostra como se dá o desenvolvimento de sua voz inicialmente rouca. Essa voz aponta as dificuldades “que a vida nos propicia”, indicando uma coletividade e que esse grito, “um sopro de profecia”, recusa “a face da treva”, metaforizada pelo “dia branco”. Esse grito representa a metáfora de uma voz coletivizada que destoa desse dia branco e que ousa.

Esse poema faz parte do primeiro volume e apresenta uma reflexão sobre a nova estética literária que é sugerida pela publicação, que foi uma das primeiras a reunir apenas autores e autoras negros que escrevem sobre as dificuldades de ser negro na sociedade brasileira, denunciando o racismo, valorizando as raízes africanas.

Com o passar dos anos, a publicação passou a contar com uma participação mais ampla e efetiva de mulheres. É importante lembrar que no primeiro volume havia apenas duas autoras, Celinha e Angela Lopes Galvão. Mais tarde veio juntar-se às autoras a escritora Conceição Evaristo. Um de seus poemas mais conhecidos é “A noite não adormece nos olhos das mulheres”, escrito em memória de Beatriz Nascimento, intelectual negra e grande amiga de Conceição que foi assassinada:

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
a lua fêmea, semelhante nossa,
em vigília atenta vigia
a nossa memória.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
há mais olhos que sono
onde lágrimas suspensas

virgulam o lapso
de nossas molhadas lembranças.

A noite não adormece
nos olhos das mulheres
vaginas abertas
retêm e expulsam a vida
donde Ainás, Nzingas, Ngambeles
e outras meninas luas
afastam delas e de nós
os nossos cálices de lágrimas.

A noite não adormecerá
jamais nos olhos das fêmeas
pois do nosso sangue-mulher
de nosso líquido lembradiço
em cada gota que jorra
um fio invisível e tônico
pacientemente cose a rede
de nossa milenar resistência
(EVARISTO, 1996, p. 26.)

Nesse poema de quatro estrofes, a história da população negra, em especial das mulheres, é resgatada. O eu lírico evoca “Ainás, Nzingas, Ngambeles”, lembrando que a Rainha Nzinga foi uma figura muito importante na luta contra o regime colonial em Angola. Há um destaque para a força dessas mulheres, nos olhos das quais “a noite não adormece” nem “adormecerá”, pois elas estão vigilantes e tecendo milenarmente a resistência.

Seguindo o time de escritoras que publicam nos *Cadernos Negros*, há Sônia Fátima. Seu poema “Branca história” mostra como o racismo impacta tanto homens quanto mulheres e como isso fica muito evidente nos textos publicados ao longo dos vários volumes:

Hoje num esforço sobre humano
lutamos pela integridade do Ser
que a branca história
covardemente esfacelou.

Nossa luta deixou de ser
contra matas serradas
vegetações turbulentas

touceiras de espinhos
flechas, açoites.
Ela se dá bravamente
no asfalto, a céus claros
horizontes abertos.

No entanto hoje
não é menos intensa, imperiosa
explode ela na garganta do boia-fria
nas veias da doméstica
e em todas as dignas bocas negras
que sobrevivem
à dizimação da abolição.
(FÁTIMA, 1986, p. 18.)

O eu lírico evoca um tempo em que a população negra lutava contra obstáculos da natureza (“matas serradas” / “vegetações turbulentas”) e mostra que hoje os obstáculos são enfrentados em plena luz do dia, “no asfalto”. Aponta-se a reatualização do racismo na sociedade por meio da evocação de figuras como as “do boia-fria”, “da doméstica” e “das bocas negras que sobrevivem à dizimação da abolição”.

O racismo do período colonial deu lugar a um racismo aparentemente velado, reflexo de uma abolição que não foi plenamente feita, pois após a assinatura da Lei Áurea não houve políticas de reparação social para que a população negra fosse devidamente inserida na sociedade com trabalho digno e moradia adequada. Restou a essa população ocupar os morros, residir em favelas e trabalhar em serviços mal pagos e desvalorizados.

O título “História branca” remete a uma narrativa hegemônica que ainda é mantida e reproduzida na sociedade, perpetuando o preconceito e a discriminação. A história do Brasil começa com a chegada dos portugueses em solo brasileiro, com a dominação de indígenas e negros, que foram descritos como povos que não ofereciam resistência e desprovidos de intelecto.

Hoje essa história dos povos negros e indígenas é resgatada por meio da aplicação das leis 10.639/03 e 11.645/08, que tornam obrigatório, respectivamente, o ensino de história e cultura africana/afro-brasileira e indígena na educação básica. Muitas figuras históricas foram apagadas, mas hoje estão sendo recuperadas, como Maria Firmina dos Reis, autora do primeiro romance abolicionista, Luiz Gama, grande advogado e poeta e filho de Luiza Mahin, mulher que lutou na Revolta dos Malês, os escravizados muçulmanos, dentre outras figuras históricas.

Na celebração dos quarenta anos dos *Cadernos Negros*, o grupo Quilombohoje lançou uma antologia de poemas e contos apenas de escritoras negras intitulada *Escritoras de Cadernos Negros*. O objetivo foi divulgar as obras dessas autoras distribuindo a antologia em pontos estratégicos da cidade de São Paulo, como pontos de ônibus, bibliotecas e outros espaços culturais.

Ao propor uma estética negra, os escritores que publicaram nos primeiros volumes dos *Cadernos Negros* procuraram apagar do corpo negro os estigmas remanescentes do sistema escravocrata e das compartimentações nas quais a sociedade brasileira aloja os indivíduos marcados pela pobreza — às vezes miserabilidade — e pela cor da pele. De acordo com a pesquisadora Nazareth Fonseca, “a coletânea apresenta uma literatura comprometida, de certo modo, com uma posição política e com formas de autoconhecimento” (FONSECA, 2011, p. 263).

Uma das autoras da nova geração dos *Cadernos Negros* é a poeta Ana Fátima dos Santos. No poema a seguir, ela resgata figuras históricas e importantes na luta pela libertação do povo negro:

Ah! Ser Quilombo de Palavras...
É vibrar quilombos de sonhos,
Anseios,
Quilombo de encontros e memórias.
Quilombo em pretumes, anunciando
Com espada em punho: Dandara e Zumbi estão em terra!
(SANTOS, 2016, p. 39.)

A escritora ressignifica o termo “quilombo”, que historicamente se refere às comunidades organizadas para receber os escravizados que fugiam das fazendas, lembrando que o quilombo que resistiu por mais tempo foi o de Palmares. Agora o termo é relacionado à resistência negra por meio das palavras, da literatura. É por meio da escrita que a história de luta e de resistência do povo negro é relatada, promovendo encontros e o resgate da memória. A resistência tem agora uma configuração diferente, com escritoras e escritores negros ocupando as páginas com sua história e a história de seus ancestrais.

Uma escritora muito importante que fala sobre a importância de mulheres negras escrevendo é Florentina Souza, professora da UFBA e coordenadora do projeto “EtniCidades: escritoras/es e intelectuais afro-latinos”. Ela afirma:

A poesia negra contemporânea pode ser lida como resultado da reação histórica de mulheres negras ao epistemicídio, ao silenciamento. Nos contatos com outras mulheres de grupos étnicos diversos, nos embates com os instrumentos da dominação escravista, nos mecanismos de preservação de aspectos religiosos, linguísticos, ou de conhecimentos variados, as mulheres utilizaram cantos e cânticos como arquivos da memória antes mesmo de acessarem a escrita ocidental. (SOUZA, 2017, p. 24.)

Nesse sentido, é importante destacar que diversas escritoras tratam de temas como machismo e racismo em suas obras. Um exemplo é a autora Cristiane Sobral, que afirma que a “poesia preta feminina/preciosa na monotonia da paisagem/ representa nossa diversidade/ entra na roda com muito axé” (SOBRAL, 2014, p. 51). No poema “Não vou mais lavar os pratos” há uma reflexão muito importante sobre o papel da mulher na sociedade:

Não vou mais lavar os pratos.
Nem vou limpar a poeira dos móveis.
Sinto muito. Comecei a ler. Abri outro dia um livro
e uma semana depois decidi.
Não levo mais o lixo para a lixeira. Nem arrumo
a bagunça das folhas que caem no quintal.
Sinto muito.
Depois de ler percebi
a estética dos pratos, a estética dos traços, a ética,

A estática.
Olho minhas mãos quando mudam a página
dos livros, mãos bem mais macias que antes
e sinto que posso começar a ser a todo instante.
Sinto.
(...)

Aboli.
Não lavo mais os pratos
Quero travessas de prata,
Cozinha de luxo,
e joias de ouro. Legítimas.
Está decretada a lei áurea.
(Idem, 2000, p. 20.)

Nesse poema, a voz poética mostra como, após ter contato com a leitura, a mulher deixa de realizar uma atividade doméstica e, em vez de lavar os pratos, passa a analisar sua estética, sua ética, ou seja, passa por um processo de reconhecimento de sua própria história e torna-se sujeito, protagonista dela. Essa tomada de consciência representa o questionamento e a libertação do papel social normalmente relegado à mulher negra: o de serviçal. Ela agora percebe que tem outras possibilidades, que pode ocupar outros lugares sociais, de acordo com seus anseios.

Esse rompimento de uma lógica hegemônica mostra como o conhecimento é extremamente importante para a construção de uma subjetividade radical da mulher negra. O conhecimento da história negra e do feminismo tem o potencial de engajar as mulheres negras em uma luta coletiva contra sistemas de opressão como o machismo, o racismo e a exploração de classe, dentre outros. Além de permitir que elas desenvolvam suas próprias pautas e lutem pela liberdade de todos os oprimidos e, principalmente, das mulheres negras.

A ocupação de mulheres nos *Cadernos Negros* é extremamente importante, como aponta Florentina de Souza:

Na diáspora, as subjetividades destas mulheres marcadas por discriminações variadas, entre elas, as de base étnico-racial e de gênero, são forjadas na dupla relação com memórias pessoais e coletivas. Seus textos constituem uma modalidade poética no interior da literatura brasileira, uma linhagem caracterizada pela busca de uma poética/estética cultural que apresente especificidades das diferentes vidas das mulheres negras, pela tentativa de inserção na vida política, cultural e literária do país, para isto recorrem a várias formas de trabalho poético, desde a metalinguagem até o diálogo intertextual com a literatura canônica. (SOUZA, 2017, p. 26.)

A inserção de mulheres negras na esfera literária é necessária e enriquecedora, uma vez que essas autoras apresentam e constroem subjetividades que falam tanto de si quanto de um coletivo, além de ser uma forma de resistirem ao silenciamento que tanto o machismo quanto o racismo tentam impor-lhes. Conceição Evaristo afirma:

... assenhorandose “da pena”, objeto representativo do poder falocêntrico branco (...), buscam inscrever no corpus literário brasileiro imagens de uma autorrepresentação. Surge a fala e um corpo que não é apenas descrito, mas antes de tudo vivido. A escre(vivência) das mulheres negras explicita as aventuras e as desventuras de quem conhece uma dupla condição, que a sociedade teima em querer inferiorizada, mulher e negra. (EVARISTO, 2005, p. 205.)

Uma escritora muito importante que iniciou nos *Cadernos Negros* e depois publicou obras individuais é Miriam Alves. Ela passou a fazer parte da publicação no quinto volume e segue publicando até hoje. No poema “Eu, mulher em luta”, ela aponta a importância da escrita para lidar com o luto que acompanha a população negra desde o sequestro de seus ancestrais em solo africano:

enluto-me e o poema sai assim
meio mágoa
meio lágrima
meio torto
toda lança

enluto-me por aquelas vindas no arrastão atlântico
enluto-me ao ver dilacerar pele, corpo e mente

eu mulher em luta
combato o ócio de quem não vê
no silêncio das casas os estupros-menina
cotidianamente

eu enluto
toda mágoa
toda dor
toda lágrima
enrijeço-me sob o toque domador
marcando o desejo
sou toda combate toda força

eu mulher em toques no teclado
faço das luzes da tela meu alento
alimento em palavras

o meu desejo pleno de ser
e vou tiquetaqueando retirando das vogais sons
palavras e imagens
tamborilando mensagem vou
(ALVES, 2010, p. 122.)

No poema, a voz do eu lírico expressa de forma muito dolorosa o luto pelo sequestro dos africanos, pelos maus-tratos a que foram submetidos.

Essa voz feminina que se enuncia denuncia os estupros das meninas e versa sobre a violência, mas também sobre a resistência que se dá por meio do uso da força e da escrita, que tem um poder de denúncia e também de emancipação.

Nesse sentido, é importante destacar a afirmação que Miriam Alves faz ao falar sobre a necessidade da escrita das mulheres negras:

É de um lugar de alteridade que desponta a escrita da mulher negra. Uma voz que se assume. Interrogando, se interroga. Cobrando, se cobra. Indignada, se indigna. Inscrevendo-se para existir e dar significado à existência, e neste ato se opõe. A partir de sua posição de raça e classe, apropriase de um veículo que pela história social de opressão não lhe seria próprio, e o faz por meio do seu olhar e fala desnudando os conflitos da sociedade brasileira. (ALVES, 2010–2011, p. 185.)

A autora destaca uma questão muito importante, que é a apropriação da escrita como uma forma de ressignificar a história, que geralmente é contada do ponto de vista do homem branco. Ao se inscrever na escrita, a mulher negra traz sua subjetividade, enuncia um discurso que diz muito sobre sua condição de raça e de classe, denunciado “os conflitos da sociedade brasileira”.

Uma escritora importante que também passou a publicar e a fazer parte do grupo Quilombhoje é Esmeralda Ribeiro, que atualmente é uma das responsáveis pela publicação dos *Cadernos Negros*. No poema “Ressurgir das cinzas” ela cita referências muito importantes de mulheres negras que contribuíram para a luta de resistência contra o patriarcado e o racismo:

Sou forte, sou guerreira,
Tenho nas veias sangue de ancestrais.
Levo a vida num ritmo de poemacação,
Mesmo que haja versos assimétricos,
Mesmo que rabisquem, às vezes,
A poesia do meu ser,
Mesmo assim, tenho este mantra em meu coração:
“Nunca me verás caída ao chão.”
(...)
Sou guerreira como Luiza Mahin,
Sou inteligente como Lélia Gonzalez,
Sou entusiasta como Carolina Maria de Jesus,
Sou contemporânea como Firmina dos Reis
Sou herança de tantas outras ancestrais.
E, com isso, despertem ciúmes daqui e de lá,

mesmo com seus falsos poderes tentem me aniquilar,
mesmo que aos pés de Ogum coloquem espada da injustiça
mesmo assim tenho este mantra em meu coração:
Nunca me verás caída ao chão
(RIBEIRO, 2004, p. 63.)

Logo no início do poema, a voz poética, que se assume como uma mulher negra, remete a suas raízes ancestrais, a sua força para a luta de resistência e anuncia que não será derrubada. Ela então cita Luiza Mahin, Lélia Gonzalez, Carolina Maria de Jesus e Firmina dos Reis, primeira romancista brasileira, autora da obra *Úrsula*, publicada em 1859, na qual aborda um tema muito importante, a abolição da escravatura.

Ao apresentar essas mulheres negras que fizeram parte da luta de resistência do povo negro contra sistemas de opressão como machismo, racismo e preconceito de classe social, a voz poética ressalta que não será derrubada, não será silenciada, pois muitas das mulheres que a antecederam abriram os caminhos para ela e a encorajam a permanecer firme.

Neste ano, será publicado o volume 43 de *Cadernos Negros*, uma publicação extremamente relevante para divulgar os textos de escritoras e escritores que de outra forma teriam muitas dificuldades para publicar, sendo a principal delas o racismo estrutural. É com muita resistência que os volumes ainda continuam sendo publicados e certamente eles contribuem muito para a formação de novos leitores e escritores, um dos motivos pelos quais têm uma enorme relevância social.

Ao trazer a subjetividade negra para a cena principal, a publicação rompe com o discurso hegemônico que prega a democracia racial e a meritocracia, promovendo uma reflexão sobre as condições de vida da população negra por meio de uma estética que desloca o leitor do lugar-comum, rompendo com estereótipos por meio de uma representação positiva do sujeito negro na sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALVES, Miriam. “Eu mulher em luta”. In: BARBOSA, M.; RIBEIRO, E. (org.). *Cadernos Negros 33*. São Paulo: Quilombhoje, 2010, p. 122.
- _____. “A literatura negra feminina no Brasil: pensando a existência”. *Revista da ABPN*, Uberlândia, n. 3, v.1, pp. 181-89, 2010–2011.
- BERND, Zilá (org.). *Poesia negra brasileira*. Porto Alegre: AGE/IEL/IGEL, 1992.
- _____. *Introdução à literatura negra*. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- CAMARGO, Oswaldo. “Mesmo que seja meu grito”. In: SILVA, L. (Cuti) (org.). *Cadernos Negros 1*. São Paulo: Edição dos autores, 1978, p. 41.
- _____. *O negro escrito*. São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura / Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 1987.
- COSTA, Aline. “Uma história que está apenas começando”. In: BARBOSA, M.; RIBEIRO, E. (org.). *Cadernos Negros: três décadas*. São Paulo: Quilombhoje, 2008, pp. 19-39.
- DALCASTAGNÈ, Regina. *Literatura brasileira contemporânea: um território contestado*. Vinhedo / Rio de Janeiro: Horizonte / Editora da Uerj, 2012.
- DAMASCENO, Benedita Gouveia. *Poesia negra do Modernismo brasileiro*. Campinas: Pontes, 1988.
- EVARISTO, Conceição. “A noite não adormece nos olhos das mulheres”. In: QUILOMBHOJE (org.). *Cadernos negros 19*. São Paulo: Quilombhoje, 1996, p. 26.
- _____. “Da representação à autorrepresentação da Mulher Negra na Literatura Brasileira”. *Revista Palmares*, Brasília, ano 1, n. 1, pp. 52-7, ago. 2005.
- FÁTIMA, Sônia. “Branca história”. In: QUILOMBHOJE (org.). *Cadernos negros 9*. São Paulo: Quilombhoje, 1986, p. 18.
- FONSECA, Maria Nazareth Soares. “Literatura negra, literatura afro-brasileira: como responder à polêmica?” In: SOUZA, F.; LIMA, M. N. (org.). *Literatura afro-brasileira*. Salvador / Brasília: Centro de Estudos Afro-Orientais / Fundação Cultural Palmares, 2006, pp. 9-38.
- _____. “Literatura Negra: sentidos e ramificações”. In: _____; DUARTE, E. A. (org.). *Literatura e afrodescendência no Brasil: antologia crítica*. Vol. 4. Belo Horizonte: UFMG, 2011. pp. 245-78
- GONZALEZ, Lélia. “Prefácio”. In: SILVA, L. (Cuti) (org.). *Cadernos negros 5*. São Paulo: Quilombhoje, 1982, pp. 3-6.
- MINKA, Jamu. “Identidade”. In: SILVA, L. (Cuti) (org.). *Cadernos Negros 1*. São Paulo: Edição dos autores, 1978, p. 35.
- MOURA, Clóvis. “Prefácio”. In: SILVA, L. (Cuti). *Cadernos Negros 3*. São Paulo: Edição dos autores, 1980. pp. 7-10.
- PEREIRA, Edimilson de Almeida (org). *Um tigre na floresta de signos: ensaios de cultura/literatura afro-brasileira*. Belo Horizonte: Mazza, 2010.
- REIS, Maria Firmina dos. *Úrsula*. Florianópolis / Belo Horizonte: Editoras Mulheres / PUC Minas, 2004 (1859).

- RIBEIRO, Esmeralda. “Ressurgir das cinzas”. In: _____; BARBOSA, M. (org.). *Cadernos Negros 27*. São Paulo: Quilombhoje, 2004, p. 63.
- SANTOS, Ana Fátima. “A natureza do verbo”. In: BARBOSA, M.; RIBEIRO, E. (org.). *Cadernos Negros 39: poemas afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2016.
- SILVA, Ana Rita Santiago da. “Da literatura negra à literatura afro-feminina”. *Via Atlântica*, São Paulo, n. 18, pp. 91-102, dez. 2010.
- SILVA, Luiz (Cutí) (org.). *Cadernos negros 1*. São Paulo: edição dos autores, 1978.
- _____. “Quebranto”. In: _____ (org.). *Cadernos negros 5*. São Paulo: edição dos autores, 1982, p. 18.
- _____. “Literatura negra brasileira: notas a respeito de condicionamentos”. In: QUILOMBOJE (org.) *Reflexões sobre literatura afro-brasileira*. São Paulo: Quilombhoje / Conselho de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, 1985.
- _____. *Literatura negro-brasileira*. São Paulo: Selo Negro, 2010.
- SOBRAL, Cristiane. “Não vou mais lavar os pratos”. In: QUILOMBOJE (org.). *Cadernos Negros 23: poemas afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2000, p. 20.
- _____. *Não vou mais lavar os pratos*. Brasília: Coleção Oi Poema, 2010.
- _____. “Poesia preta feminina”. In: BARBOSA, M.; RIBEIRO, E. (org.). *Cadernos Negros 39: poemas afro-brasileiros*. São Paulo: Quilombhoje, 2014, p. 51.
- SOUZA, Florentina. *Afrodescendência em Cadernos negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?*. 1a. ed. Trad. Sandra R. G. Almeida, Marcos P. Feitosa, André Pereira. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.